

Dos montes, das pedras e das águas

Formas de interacção com o espaço natural da pré-história à actualidade

ANA M. S. BETTENCOURT
LARA BACELAR ALVES

(Eds.)



Rochas e metais na Pré-história para além da físico-química

Rocks and metal in Prehistory beyond physics and chemistry

Lara Bacelar Alves*
Beatriz Comendador Rey**

Resumo: Este ensaio pretende revisitar os fundamentos da relação simbiótica entre rochas e metal na Pré-história. A investigação sobre metalurgia primitiva tende a perspectivar esta relação através de abordagens analíticas, no domínio da arqueometria, alicerçadas num discurso próprio da físico-química, de difícil leitura antropológica. É para a revalorização desta leitura que pretendemos contribuir, na senda do que vem sendo intentado por outros autores. Assim, procurar-se-á articular duas temáticas cujo estudo vem sendo revalorizado, nos últimos anos, no âmbito da investigação arqueológica no Noroeste peninsular: os depósitos metálicos e a arte rupestre. São consideradas as características particulares dos lugares naturais eleitos para a deposição quer dos elementos gráficos, quer dos materiais e as dinâmicas do ciclo de vida dos objectos metálicos, entendidos como súpula de matéria natural e ideológica. Por seu lado, os registos históricos e etnográficos abrem-nos novas perspectivas para conceptualizar o carácter simbólico da matéria e para reflectir sobre a biografia dos objectos em si e das suas imagens inscritas na rocha.

Palavras-chave: Noroeste peninsular; Pré-história Recente; Depósitos votivos; Arte rupestre; Etnografia.

Abstract: In this paper we shall revisit the foundations of the symbiotic relationship between metal and rocks in Prehistory. Research on ancient metallurgy tends to approach this subject by means of analytical studies within the scope of Archaeometry, which is supported by a discourse proper of Physics and Chemistry and, consequently, it is virtually devoid of anthropological reading. We intend to contribute to the renewal of such readings, following a number of authors who have been studying the archaeological contexts of metal hoards. Our study draws upon the relationship between two categories of the archaeological record in North-western Iberia – metal hoards and rock art – and reflects upon their setting in the landscape and the life cycle of metal objects, which are understood as a synthesis of natural and ideological substance. Moreover, historical and ethnographic records open new perspectives to reflect on the symbolic character of matter, the biography of the objects themselves and of their images inscribed on rocks.

Keywords: North-west Iberia; Late Prehistory; Metalwork; Rock art; Ethnography.

* Bolseira de Pós-doutoramento (FCT). Investigadora do Centro de Estudos Arqueológicos das Universidades de Coimbra e Porto – Campo Arqueológico de Mértola. larabacelar@gmail.com

** Professora Associada T3-P6. Área de Prehistória. Dpto de História, Arte e Xeografia. Universidade de Vigo. beacomendador@uvigo.es

“The problem is that archaeology has tended to misconstrue the absence that differentiates ancient artefacts from other matter as a presence residing in the thing itself. Because these artefacts are both the manifestation and the tangible proof of past human achievements, the discipline has often identified them as categorically distinct from non-cultural matter”

J. Thomas (2006/2007: 18)

1. Introdução

O advento dos pressupostos interpretativos e analíticos subjacentes à concepção de uma “*Arqueologia dos Espaços Naturais*”¹ e à sua consolidação como um espaço de reflexão importante na investigação arqueológica europeia, não será alheio à paulatina transmutação, no pensamento arqueológico, de um entendimento cartesiano impositivo de uma cisão entre Mente e Matéria, entre Homem e Natureza, para um quadro epistemológico que preconiza uma estrutura hermenêutica assente na ideia do seu sincretismo. Se uma conceptualização cartesiana da relação entre Homem e Natureza foi preponderante na definição de conceitos fundadores da Arqueologia como o de “*cultura*” e “*cultura material*”, a aceitação da sua redefinição, tal como vem sendo proposta por diversos autores (Thomas 2004, 2006/2007; Tilley 2007) implicará uma alteração de paradigma que já se vem materializando em muitos domínios temáticos. Na última década e meia, a emergência de múltiplas e enriquecedoras leituras sobre os vestígios materiais do Passado assentes numa perspectiva fenomenológica, a par da valoração dos espaços, “lugares” e elementos naturais na interpretação do registo arqueológico contribuíram para veicular duas mensagens fundamentais: a de que a materialidade de um objecto ou artefacto está inexoravelmente ligada à da natureza da matéria-prima que a compõe e a de que essa mesma matéria não pode ser perspectivada como algo inerte (Bradley 2000; Thomas 2006/2007; Tilley 2007). Será prosseguindo estas asserções que trataremos a relação simbiótica entre rochas, arte e metais.

Na verdade, arte rupestre e metalurgia são dois domínios de investigação cujo diálogo mútuo tende a limitar-se a questões taxonómicas e que se prendem normalmente com o estudo relacional entre as imagens dos objectos metálicos que surgem inscritos em suportes rochosos e os seus equivalentes reais. Para além da perspectiva formal que compreende a identificação da tipologia de objectos gravados ou pintados em rochas, um novo entendimento destas duas temáticas deve-se, em grande medida, à obra de Richard Bradley (1990, 1998, 2000) que renova a abordagem interpretativa

¹ Título da obra de Richard Bradley dada à estampa na passagem do milénio, no original: *An Archaeology of Natural Places* (2000). O autor justifica a necessidade de consolidar a investigação arqueológica dos “lugares naturais” dada a existência de elementos da paisagem fisicamente inalterados pelo Homem que terão adquirido um significado especial para as comunidades no Passado e cuja única forma de o reconhecer será através da identificação de vestígios de actividades humanas nas suas imediações.

ao prosseguir o intento de “*re-unir*”, quer a arte quer os objectos metálicos, com as pessoas que com eles interagiram no Passado. A biografia dos objectos metálicos e a própria metalurgia começa, assim, a perspectivar-se na esfera do simbólico.

Em 1997, uma de nós (BCR) procurou determinar elos de interacção entre os objectos metálicos que compõem os depósitos votivos e as suas representações gravadas em penedos ao ar livre na Galiza (Comendador 1997). Posteriormente, coligiu toda a informação disponível sobre a relação espacial entre formações rochosas naturais proeminentes e depósitos metálicos associáveis ao início da metalurgia (Comendador 1998), estudo que alargou aos depósitos do Bronze Final (Comendador 2003) e desenvolveu através da investigação de casos paradigmáticos da relação entre depósitos e arte rupestre no Noroeste Peninsular (Comendador, no prelo).

Também R. Bradley (1998) reflectiu aprofundadamente sobre a relação entre gravuras de armas, depósitos votivos e elementos particulares na paisagem sugerindo que as representações gráficas nos chamados “petroglifos galegos” seguem muitas das convenções que se encontram nos depósitos, actuando como elementos de apropriação da paisagem física e reguladores do espaço social, não se distanciando do que T. Larsson (1986) propôs para a Escandinávia sobre o mesmo tema.

Neste trabalho procuraremos desenvolver alguns argumentos propostos por diversos autores no que respeita à compreensão do “carácter simbólico” de certas práticas, tais como o acto de transformar pedra em metal, a deposição intencional de objectos metálicos e a gravação das suas imagens em rochas, apoiando-nos nas premissas enunciadas e numa plataforma interpretativa pouco explorada entre nós, ou seja, no ponto de encontro entre Etnografia e a Arqueologia dos Espaços Naturais. Procuraremos explorar a ideia de que a pedra, ainda que muitas vezes perspectivada como matéria inerte, se converte numa entidade orgânica ao lhe ser sobreposto o véu, ou o écran, das narrativas mitológicas imbuídas na tradição oral.

2. Rochas, arte e metal – da “culturalidade” da matéria e outras histórias

As rochas encontram-se entre os elementos mais permanentes na paisagem. Mas porque é que certas pedras, formações rochosas ou elementos geomorfológicos se tornaram importantes para as pessoas? Porque é que foram dotadas de valor simbólico? Para o compreender é preciso, como diz C. Tilley (2007), abordar a “vida social” das pedras em relação à “vida social” das comunidades do Passado e, acrescentaríamos, também do Presente.

Como se sabe, o metal “revela-se” na pedra; a Física e a Química explicam-nos como e porquê, porém a Etnografia revela muitas outras histórias, entre as quais se destacam as lendas de mouras encantadas que guardam tesouros no interior de penedos. Por exemplo, no lugar de Taliscas (Odemira) conta-se que numa pequena cavidade que se abre sobre o estreito vale da Ribeira da Tamanqueirinha, vive uma

moura encantada que, um dia, desafiou uma camponesa a entrar em sua casa². A “*porta*” desta intangível casa dos Mouros é, diz-se, a abertura do abrigo e as pequenas concavidades que a ladeiam, as suas “*janelinhas*”. Ao entrar, a camponesa viu que toda a casa e todas as coisas eram em ouro. Mas, subitamente, gritou, assustada com a aparência do marido da Moura, meio-homem, meio-lagarto e de imediato quebrou o encantamento (Vilhena & Alves 2008). O que é curioso notar é que este abrigo, conhecido na região como Rocha da Hera, guarda no seu interior um conjunto de gravuras filiformes actualmente pouco perceptíveis, o que explicará o facto dos nossos informadores locais não terem delas conhecimento (*ibidem*).

Contudo, não só nas rochas se crê que vivem espíritos, mas também em elevações proeminentes, grutas, nascentes, ou mesmo nas águas turbulentas de um rio, mas isto só nos é revelado através da tradição oral já que se tratam, muitas vezes, de lugares naturais, isentos de vestígios perceptíveis de alteração antrópica. De facto, quando os caminhos trilhados pelos investigadores se cruzam com tradições orais, em diferentes partes do mundo, percebemos que os significados e/ou simbolismo(s) de determinados elementos naturais e, em particular, formações rochosas, são indissociáveis de uma mitologia enraizada na paisagem. Por exemplo, para os aborígenes australianos, o Dreamtime é o tempo primordial, o tempo em que Seres Ancestrais emergiram da Terra plana e começaram a dar forma à paisagem (Morphy 1998). Eram criaturas semelhantes a animais mas poderiam ser rochas ou árvores que, no entanto, também se moviam. Os sítios de onde emergiram transformaram-se em nascentes ou grutas. Ao deslocarem-se sobre a Terra, os Seres Ancestrais desenhavam os leitos dos rios, ao arremessarem os seus *boomerangs*, abriam enormes orifícios em escarpas rochosas. Nos locais onde sucumbiram, formaram-se montanhas com o relevo dos seus corpos (Morphy 1998). P. Taçon (1991) conta-nos que, na região australiana de Kakadu, filões de quartzo no interior de abrigos rochosos eram considerados os ossos expostos dos Seres Ancestrais e a matéria-prima deles exumada destinava-se ao fabrico de armas que se tornavam, assim, objectos carregados de simbolismo e poder.

Então, para os aborígenes australianos, as unidades geomorfológicas são conotadas com espíritos petrificados enquanto que para as sociedades rurais do Noroeste peninsular, as mouras encantadas guardam tesouros dentro de rochas. São lendas... mas, e quando o registo arqueológico colide com referências etnográficas e se parece transpor essa linha permeável entre mito e realidade?

3. Rochas, arte e metal – evidências de uma relação simbiótica

Na bibliografia arqueológica portuguesa e galega, sobretudo a que remonta aos finais do século XIX e inícios do século XX, são profícuas as referências aos achados

² Informação recolhida por J. Vilhena, em 1998, no Monte do Pomar (Santa Maria, Odemira).

de objectos metálicos em rochas. Autores como F. López Cuevillas (1933) alertavam já para a estreita associação dos depósitos com cursos de água e com penedos que se destacavam pela sua magnificência ou por alguma particularidade morfológica. Nalguns casos, oferece-nos uma descrição detalhada das circunstâncias da descoberta, a exemplo de A Pena Grande de Oleiros (Toques) onde foi encontrada uma ponta de tipo Palmela numa fenda aberta na parede vertical de uma rocha imponente. O jovem explorador local que revelou este achado a F. López Cuevillas, descreveu-o da seguinte forma: a ponta “*pendía de un alambre que se amarraba con dos anillos a dos clavos en una casina labrada en la propia roca*” (López Cuevillas 1933: 53). Um outro exemplo notável diz respeito ao achado do tesouro de Arnozela (Fafe), encontrado junto a um penedo, a “*dois palmos*” de profundidade e sobre o qual R. Severo (1905) faz a seguinte observação: “... *No sitio não há tradição nem vestígios de antiga povoação, nem tão pouco junto ao penedo encontrou o nosso informador outros indícios, o que faz justamente supôr que se trata de thesouro escondido a que o propio penedo servía de marco de referencia*”.

Com o ressurgimento do interesse pelos lugares de implantação dos depósitos (Bradley 1991, 2000), esta relação vem sendo particularmente valorizada por diversos autores, concorrendo para uma renovação epistemológica no estudo dos depósitos metálicos da Pré-história e Proto-história peninsular. Conforme referimos anteriormente, B. Comendador (1998) inventariou cinco depósitos de objectos metálicos³ directamente relacionáveis com penedos na Galiza e Norte de Portugal e, posteriormente, explorou mais aprofundadamente a estreita relação entre rochas com ou sem vestígios de arte rupestre e diversos depósitos do Bronze Final no Noroeste peninsular (Comendador 2003⁴ e no prelo: tabela 1) (Fig. 1). No âmbito da sua tese de Doutoramento, A. Bettencourt (1999) coligiu a informação disponível sobre o achado de objectos metálicos em formações rochosas no Norte de Portugal (Fig. 1). Por existirem referências concretas às circunstâncias da descoberta pelos autores que primeiro os deram à estampa (citados em A. Bettencourt 1999), salientamos o depósito da Bouça da Tomadia da Mata (Grimancelos, Barcelos), encontrado numa grande fenda de um penedo por um pedreiro que esvaziava o seu enchimento e o da Quinta da Fonte Velha (Viatodos, Barcelos), que terá sido exumado, nos primór-

³ Entre os exemplos coligidos constam, para além da Pena Grande de Oleiros (Toques), o achado de uma ou duas pontas de tipo Palmela exumadas junto a uma pedra oscilante em Samarugo (Vilalba), localmente conhecida por uma ampla tradição oral; outras duas recuperadas em Liméns (Cangas) ao dinamitar um penhasco; um punhal recolhido num abrigo sob rocha no Monte das Penas em Toques. É dada também especial relevância às circunstâncias do achado das alabardas de Abreiro. Foram descobertas aquando da construção da estrada nacional n.º 314, entre Vila Flor e Vila Real, no tramo Abreiro – Quinta da Pendurada. Aqui, os trabalhadores, ao abrir uma trincheira, descobriram o conjunto de alabardas escondidas na fissura de uma rocha situada na base da encosta sul do povoado Cemitério dos Mouros I e II (Comendador 1998: 431).

⁴ Podemos apontar como exemplos o capacete/taça de Leiro (Rianxo) ou o depósito de Hío (Cangas).

dios do século XX, por baixo de um penedo “*a cinco palmos*” de profundidade. A. Bettencourt (1999) refere que os locais de depósito constituiriam áreas ritualizadas, possivelmente associadas a cultos animistas e à oferenda, às forças da Natureza (à pedra, à água e à terra), de objectos de grande valor comunitário.

Recentemente, num notável trabalho de sistematização sobre os depósitos de cobre e de bronze em Portugal, R. Vilaça (2006) assinalou 16 sítios desta natureza encontrados em fendas ou debaixo de penedos, que interpreta como “*lugares sacralizados*” (Fig. 1). Centrando-se no Noroeste peninsular, A. González Ruibal (2006-2007) compendiou outros exemplos de deposição de conjuntos votivos metálicos em afloramentos rochosos e grutas ou nas suas proximidades, sugerindo que a vivência contínua numa paisagem geológica particular, a presença de vestígios de ocupações anteriores onde se incluem as gravuras rupestres em penedos ao ar livre e outros signos de sacralização do espaço, são factores que terão concorrido para a criação de um vínculo mítico e histórico que poderá também ter exercido alguma influência na fundação dos primeiros “castros”.

Talvez consigamos objectivar um pouco melhor questões que se prendem com o carácter “simbólico” ou “sacralizado” destes lugares se reflectirmos mais aprofundadamente sobre o ciclo da vida quer dos “depósitos físicos” dos objectos, quer dos “depósitos gráficos”, ou seja, das suas imagens gravadas em rochas.

Debrucemo-nos primeiro sobre o metal. Tal como as rochas, a matéria-prima dos objectos metálicos não era encarada tradicionalmente como algo inerte. No século XVI, acreditava-se que os astros regiam a formação dos metais que cresciam nas rochas. Os minerais eram considerados como entidades orgânicas, que nasciam da união do enxofre com o mercúrio e, se nada interrompesse o processo de gestação, evoluíam para ouro. Partindo desse princípio, ou seja, da crença nesta concepção embriológica dos minerais, a alquimia não faria outra coisa senão “*acelerar o crescimento dos metais*” iniciado pela Natureza (Eliade 1978; Sánchez 1988).

A verdade é que o processo de extracção de minerais metálicos pressupõe, entre outras, a escavação de areias de aluvião nas margens dos rios, num espaço que medeia entre a terra e a água ou o desmonte de formações filoneanas entre penedos, conduzindo, nalguns casos, literalmente ao interior das formações rochosas. Curiosamente, estes ambientes que se encontram de certo modo ligados à origem do minério, foram recorrentemente eleitos para receber depósitos votivos de objectos metálicos. Desde modo, o simbolismo desta prática poderá advir do facto de assim se fechar um capítulo na vida destes objectos que se materializa numa espécie de devolução ritual aos elementos naturais de onde são oriundos⁵. A matéria-prima parece ter sido

⁵ Esta ideia havia já sido já sumariamente explorada por uma de nós (LBA) num ensaio académico sob o tema “Were there significant changes in the British landscape between the Middle and Late Bronze Age?” (22 págs.) apresentado no âmbito do seminário ministrado pelo Prof. R. Bradley, “Prehistoric Societies in the Age of Hillforts”, do Master (MA) em Arqueologia Pré-histórica da Universidade de Reading e submetido a avaliação em 27/01/1997.

tomada de empréstimo à Natureza e a ela se fez regressar, até mesmo (porque não?) como um acto propiciatório da sua própria regeneração.

Também a gravação de objectos metálicos em penedos ao ar livre poderia ser entendida como uma prática simbólica, não apenas no sentido da metaforização de depósitos, como T. Larsson (1986) e R. Bradley (1998b) sugeriram, mas igualmente como um acto de devolução destes objectos às rochas (Alves 2003). No entanto, não podemos ignorar que este é um retorno corporizado mediante uma linguagem de signos, visível na paisagem, o que contraria a aparente intenção de invisibilidade dos depósitos metálicos, como R. Vilaça (2006) bem assinalou relativamente às gravuras de armas de Molelinhos (Tondela, Viseu). O acto de deposição e ocultação supõe, para muitos investigadores, a alienação dos objectos do mundo dos vivos e é sinónimo da sua “morte ritual”⁶. No entanto, parece ser cada vez mais plausível que tenha havido referências, materiais e imateriais, muito concretas relativas à localização dos depósitos.

No que se refere à Galiza, as evidências, embora parcas, devem ser valorizadas: em Mougás (Santa Maria de Oia) foram exumados diversos machados de talão do interior de uma fenda numa rocha (Monteagudo 1973; Sierra Rodríguez & Martínez do Tamuxe 1975). Embora não se conheça a localização exacta do depósito, sabemos que esta zona é também conhecida pela presença de arte rupestre em penedos ao ar livre. Mais concreta é a relação de proximidade entre as gravuras de armas da Foxa Vella e os achados metálicos do Monte Lioira (Leiro, Rianxo) (Calo & González 1980; Bradley 1998; Comendador, no prelo) (Fig. 2).

Porém, devemos também atentar a duas importantes referências de R. Sobrino (1935) à descoberta de objectos metálicos em sítios com arte rupestre. Na Pedra do Lombo da Costa (San Jorge de Sacos, Cotobade), um penedo insculturado bem conhecido por ostentar uma complexa composição de círculos concêntricos ladeada por quadrúpedes, foi exumado, de uma fissura na rocha, um machado plano de cobre⁷, datável do Calcolítico/Bronze Inicial (Sobrino 1935; Sobrino Lorenzo Ruza 1952; Monteagudo 1977; Comendador 1998) (Fig. 3). De igual modo, na Laxe das Coutadas (Viascón, Cotobade), um outro penedo profusamente decorado com a iconografia típica da tradição de Arte Atlântica do Noroeste peninsular, foi encontrado

⁶ De acordo com H. Hubert e M. Mauss (1964), tratar-se-ia de um sacrifício e não de um mero acto de consagração. Durante o sacrifício, o objecto é destruído ou consumido, entendendo que este é um acto de consumo e esta é a sua característica definitiva – o sacrifício corresponde àquele preciso instante do ritual em que o objecto é “consumido”. Nalguns casos tem sido dada particular atenção à destruição violenta prévia à deposição (Perea 2008).

⁷ R. Sobrino Lorenzo Ruza (1952: 199) refere-se ao achado de seu pai, R. Sobrino da seguinte forma: «Entre las grietas de la peña donde se encuentra el petroglifo “Lombo da Costa”, ha sido hallada un hacha de cobre, plana, de 130 mm de longitud por 30 mm de ancho medio y de forma trapecial». Este achado corresponderá ao machado de cobre, sub-trapezoidal, com 135 mm de comprimento e 39 mm de largura que se encontra em depósito no Museu de Pontevedra.

um outro machado plano de cobre⁸ (Sobrinho 1935). É evidente que estes dois casos são, por ora, excepcionais mas, para além das implicações que acarretam para a interpretação destes sítios com gravuras rupestres de tradição Atlântica, alertam-nos para a diversidade de soluções encontradas para a ocultação de objectos metálicos em rochas.

Sumariando, no que concerne aos primórdios da metalurgia, parecem já surgir depósitos associados quer a formações rochosas naturais de elevada monumentalidade, quer a outras com pouca expressão física na paisagem, como parece ter sido o caso do local do depósito das alabardas de Abreiro. Na Galiza, ocorrem dois depósitos de machados de cobre em penedos insculturados mas onde estão ausentes os motivos de armas mais frequentemente gravados em rochas ao ar livre naquela região: as alabardas e os punhais.

4. Tesouros e Mouras Encantadas – contributos para uma leitura etnográfica dos “lugares” criados pelos depósitos de objectos metálicos

Uma das questões que vem sendo amplamente discutida nos últimos anos, para além do significado simbólico destas práticas, prende-se com os mecanismos através dos quais os “lugares” criados pelo acto de deposição de objectos metálicos permaneceriam na memória das populações locais ou mesmo, em bom rigor, como se articulariam com a sua vivência quotidiana visto que, como R. Vilaça (2006: 91) propõe, “*devem ser entendidos como instrumentos estruturantes do espaço cultural das comunidades*”. Por outro lado, compreendendo os depósitos como entidades conceptual e mesmo fisicamente dinâmicas, ao atendermos, por exemplo, ao que a mesma investigadora apelida de “*deposições reiterativas*”, que resultam de uma acumulação de depósitos, no tempo longo, num mesmo local (Vilaça 2006: 42) é inevitável reflectir sobre as formas através das quais estes lugares eram assinalados na topologia simbólica das comunidades que os criaram e eventualmente re-utilizaram. Neste sentido, pensamos que, mesmo supondo a existência de marcadores físicos de carácter perecível (Ruíz-Gálvez 1998 *in* Vilaça 2006) não deverá ser desprezada a ideia de que os depósitos se manteriam indelevelmente marcados no espaço quotidiano das comunidades através da tradição oral, uma das mais sólidas formas de manutenção e transmissão de conhecimento no seio de comunidades a-históricas.

Ainda hoje, é através da tradição oral das sociedades rurais contemporâneas que temos acesso a referências mitológicas, cosmogónicas e/ou topológicas sobre certos

⁸ Nas palavras de R. Sobrinho (1935: 29) “... se atoparon dúas machetas de cobre, das quais unha ten forma de cuña esmagada, mal fundida e témola nós, procedente de San Xurxo de Sacos; a outra pola súa parte, atopouse preto de Viáscou, no penedo que se chama Laxe das Coutadas, é moito melhor cá anterior e pertence ó Museu Arqueolóxico de Pontevedra”.

“lugares”, inalterados ou não, mas igualmente simbólicos, que pontuam a paisagem. Por exemplo, o termo das antigas aldeias no Norte de Portugal, particularmente de Trás-os-Montes que correspondem, em grande medida, aos limites das actuais divisões administrativas, era definido através de marcos ou “*marras*” que se poderiam materializar sob a forma de penedos, pedras fincadas, buracos abertos no chão ou corresponder a linhas de água e/ou cumeadas. Os penedos poderiam, ou não, exibir as chamadas “*gravuras de termo*”, covinhas, cruces, e outros sinais que marcavam de forma permanente os limites do território. Estes locais eram recorrentemente visitados no contexto de rituais comunitários destinados a iniciar os membros mais jovens das comunidades no conhecimento do território da comunidade (Afonso 1993: 93-95; Alves 2001: 73-74). Nestas ocasiões eram dados a conhecer os topónimos, as lendas e as histórias sobre cada lugar, sobre cada marco do termo, independentemente de serem formações rochosas isentas de marcas antrópicas, penedos gravados, pedras fincadas ou outros (Afonso 1993).

É também perseguindo as lendas de mouras encantadas que guardam tesouros no interior de abrigos rochosos, como a Rocha da Hera, em grutas, nascentes⁹ ou rios que nos poderão ser revelados lugares especiais para as comunidades rurais contemporâneas (Alves 2001; Vilhena & Alves 2008). Nalguns casos, o significado intrínseco destes sítios perdeu-se, noutros percebemos que se encontram de alguma forma associados a vestígios do Passado. Foi por este motivo que considerámos proceder à leitura de diversos tipos de fontes que veiculam informações sobre a relação entre rochas e metais, não nos retendo apenas nas publicações científicas mas avançando também para o domínio da Etnografia, visto que alguns registos desta natureza parecem reiterar essa estreita associação. Referimo-nos às crenças populares em “*tesouros*” escondidos em rochas, “*tesouros*” esses que se aproximam do que, no discurso científico, designamos por “depósitos”, ou seja, ocultações intencionais de objectos que foram, por essa via, apartados do seu ciclo activo.

Na Galiza e Norte de Portugal são muito populares os “roteiros de tesouros” que se tratam, em grande medida, de compilações de textos redigidos com base em tradições orais, possivelmente de origem galaico-portuguesa. Já F. Martins Sarmento (1888: 9), no seu curto ensaio «*A propósito dos “roteiros de thesouros”*» sugere que a crença em “*tesouros*” ocultos não seria infundada mas, pelo contrário, teria por base achados reais, ocasionais ou resultantes de explorações de monumentos antigos, pelo que os “*roteiros*” incluiriam alguns dos locais dessas descobertas cuja memória terá sido guardada através da tradição oral. Referindo-se, em particular, ao “*Roteiro dos Thesouros, que deixarão os Mouros, tirado d’um livro dos próprios thesouros, que mandou fazer D. Félix, Rei Mouro*” (*ibidem*: 5, nota 1), o autor assinala que uma das crendices

⁹ Neste sentido, é interessante recordar a referência de A. Viana (1958: 20) ao local de proveniência do capacete de prata de Ourique, “... *desenterrado na Horta da Fome (...)* assim denominada, dizem, por haver nela uma nascente cuja água férrea produz grande apetite”.

populares é que os *thesouros* podem ser encontrados dentro de penedos: «*mais d'uma vez un penedo com um signal "pintado" ten sido quebrado a tiro, para tirar-se a limpo a vaga tradição de estar cheio de diamantes*», acrescentando que “*Mal se percebe como um absurdo d'este tamanho pôde entrar n'uma cabeça humana*” (*ibidem*: 10). E, de facto, quantas vezes nos deparamos ainda, no Norte de Portugal, com penedos insculturados partidos, fendidos, despedaçados e deslocados por populares que perseguiram esta crença, como são exemplos a malograda Pedra Partida de Ardegães (Maia) (Santos Júnior 1963) e a Pedra da Cobra Moura (Viseu) (Silva 1980)!

Por seu lado, a relação de tesouros¹⁰ incluída no chamado *Ciprianillo*, livro de edição galega (Fig. 4) foi objecto de um estudo recente por P. Missler (2006a, 2006b, 2007) que lhe permitiu determinar alguns aspectos sobre as origens destes relatos, nomeadamente de que se trata de uma compilação de textos muito ecléticos que têm em comum apenas o idioma (vernacular ibérico) e a autoria lendária de São Cipriano. Na sua forma actual será um produto retocado por editores dos séculos XIX ou XX. Considera o mesmo autor que embora não tenha existido, efectivamente, um texto-base deste clássico, a lista de tesouros reproduzida não é uma criação arbitrária da imaginação editorial, mas que os primeiros autores se terão baseado em tradições orais muito antigas enraizadas na tradição popular (Missler 2006a, 2006b, 2007). Também X.M. Álvarez Blázquez ([1974] 2008) partilha da opinião que tanto as versões em castelhano, como aquelas em português, poderão ter origem num livro de finais do século XVIII ou inícios do século XIX, eventualmente de um autor conhecedor das lendas e tradições cujos principais protagonistas eram os mouros e as “mouras encantadas”. Mas o que é curioso notar é que num destes “roteiros de tesouros” são numerosas as referências a tesouros “dentro”, “no meio”, “por frente” de penedos, “antre penedos”, “na pena Negra”, “na terceira peneda”, “a 21 pasos do penedo chao”, “a doce homes de distancia da pedra cadrada”, “antre pedreiras”, “ao pé dun cachote de pedra”, “dentro dunha pía de pedra sin vetas”, “cun marco arriba”, “no medio dos penedos”, “no rochedo”, entre outras (Álvarez Blázquez [1974] 2008). Nele, podem ler-se descrições surpreendentes, como estas:

“*No medio da cruz de Gañado, está um azevan en ouro e duas alabradas, debaixo dunha pedra que tem riscado un pé de caballo*”

¹⁰ A *Relación de Tesoros de Galicia* (ou *Los Tesoros del Reino de Galicia*) incorporada nas edições espanholas no *Gran Libro de San Cipriano* oferece a descrição de entre 146 ou 174 supostas localizações de tesouros em lugares mais ou menos reconhecíveis na Galiza. Segundo F. Castro (2005), as listas de tesouros no Reino da Galiza, tanto aquelas escritas em castelhano como em português, remontam, em última instância a uma listagem intitulada “*Relação dos tesouros e encantos*” (de 174 tesouros) publicada por A Livraria Económica de Lisboa, em finais do século XIX. A esta soma-se ainda, por exemplo, “*Lugares onde existem os encantos*” (68 tesouros) e a “*Soma dos haveres do Porto de D. Gazua, rios e águas vertentes*” (outros 80 tesouros), supostamente localizados no Norte de Portugal. Uma das edições portuguesas mais antigas data de 1800. Trata-se de “*O grande livro de S. Cypriano ou thesouro do feiticeiro/S. Cypriano*”, editado, em Lisboa, por J. Andrade & L. de Sousa.

“As portas de Teste, a oito homes da grande pedra com letras célticas e rodapé de mármores, fica o haber dun rei...”

“Na rotea de Pías, cara ó sol poente, ficou mal enterrada con pedra enriba unha arca negra con haberes de tres compañías, con cruces na tampa”.

5. Notas finais

Em síntese, neste texto que assumimos como ensaístico explorámos algumas ideias sobre a relação entre rochas e metais na Pré-história, com o intuito de ampliar o campo de reflexão sobre esta temática mas sem a expectativa de que os seus fundamentos poderão ser, ou não, corroborados arqueograficamente. Primeiro, admite-se que o acto de ocultação ou deposição de objectos metálicos poderá ser entendido como um retorno simbólico da matéria a ambientes naturais de certo modo relacionados com a origem do próprio metal, tais como penedos, grutas, minas ou as margens dos rios. Segundo, a importância das formações rochosas como agentes de visibilidade de práticas sociais que pressupõem a ocultação física de objectos parece ter eco não só nas informações arqueológicas de que dispomos na actualidade, mas igualmente nos registos etnográficos. Terceiro, coloca-se a hipótese de que, no Passado, os espaços sacralizados pelos depósitos (ocultos) poder-se-iam ter mantido na memória das comunidades locais através da tradição oral, independentemente de ter existido, ou não, um reforço na sinalização daqueles lugares através da aposição de elementos ou marcas mais ou menos visíveis ou mais ou menos perecíveis. Por fim, reitera-se a ideia de que as unidades geomorfológicas – indissociáveis dos elementos, substâncias, matérias que as constituem – são passíveis de ser perspectivadas como entidades dinâmicas e orgânicas, palco de cosmogonias onde o ciclo da vida humana se harmoniza com o ciclo da Natureza e do mundo material.

Bibliografia

- AFONSO, B. 1993. Ritos de delimitação e sacralização do espaço no Nordeste Transmontano. *Brigantis* 13 (3-4): 89-105.
- ALVES, L.B. 2003. *The movement of signs. Post-glacial rock art in north-western Iberia*. (Tese de Doutoramento apresentada ao Departamento de Arqueologia da Universidade de Reading, Reino Unido) 2 vols. Policopiada.
- ALVES, L.B. 2001. Rock art and enchanted moors: the significance of rock carvings in the folklore of north-west Iberia. In R.J. Wallis & K. Lymer (eds.) *A Permeability of Boundaries? New Approaches to the Archaeology of Art, Religion and Folklore*. BAR International Series S936. Oxford: Archaeopress: 71-78.
- ÁLVAREZ BLÁZQUEZ, X.M. (1974) 2008. *Os tesouros de Galicia ou seña, historia verdadeira acontecida no reino de Galicia e máis relación dos tesouros e encantos*. Vigo: Editorial Galaxia.

- BETTENCOURT, A.M.S. 1999. *A Paisagem e o Homem na bacia do Cávado durante o II e o I milénios AC* (Dissertação de Doutoramento apresentada à Universidade do Minho, Braga) 5 vols. Policopiada.
- BETTENCOURT, A.M.S. 2005. Obxectos de adorno (ouro, prata e cobre/bronze). In J.M. Hidalgo Cuñarro (coord.) *Arte e Cultura de Galicia e Norte de Portugal. Arqueoloxia*. Vol. 1. Vigo: Nova Galicia Edicións. S.L.: 187-197.
- BRADLEY, R. 1990. *The Passage of Arms: an archaeological analysis of prehistoric hoards and votive deposits*. Cambridge: Cambridge University Press.
- BRADLEY, R. 1997. *Rock art and the Prehistory of Atlantic Europe. Signing the Land*. London/New York: Routledge.
- BRADLEY, R. 1998a. Invisible warriors. Galician weapon carvings in their Iberian context. In R. Fábregas Valcarce (ed.) *A Idade do Bronce en Galicia. Novas Perspectivas*. Coruña: Castro: 243-258.
- BRADLEY, R. 1998b. Daggers drawn: depictions of Bronze Age weapons in Atlantic Europe. In C. Chippindale & P. Taçon (eds.) *The Archaeology of Rock Art*. Cambridge: Cambridge University Press: 130-145.
- BRADLEY, R. 2000. *An Archaeology of Natural Places*. London and New York: Routledge.
- BUDD, P. & TAYLOR, T. 1995. The Faerie Smith Meets the Bronze Industry: Magic Versus Science in the Interpretation of Prehistoric Metal-Making. *World Archaeology* 27 (1): 133-143.
- CALO, F. & GONZÁLEZ, X.M. 1980. Estación de arte rupestre de Leiro (Rianxo, A Coruña). *Gallaecia* 6: 207-216.
- CASTRO VICENTE, F. 2005. El Libro de San Cipriano. *Hibris* 27: 15-25; 28: 32-41.
- COMENDADOR REY, B. 1997. Representaciones de armas e sus correlatos metálicos. In F.J. Costas Goberna & J.M. Hidalgo Cuñarro (eds.) *Los motivos de fauna y armas en los grabados prehistóricos del continente europeo*. Vigo: Asociación Arqueológica Viguesa, Serie Arqueología Divulgativa n.º 3: 113-130.
- COMENDADOR, B. 1998. *Los inicios de la metalurgia en el Noroeste de la Península Ibérica*. CD-ROM. Santiago de Compostela: Servicio de Publicaciones de la USC.
- COMENDADOR, B. 2003. Der Schatz von Leiro (Galicien): Ein Eizelfund?. In T. Springer (ed.) *Gold und kult der Bronzezeit*. Nürnberg: Germanische Nationalmuseum I: 175-188.
- COMENDADOR REY, B. (no prelo). Space and memory at the mouth of the river Ulla (Galicia, Spain). In A.M.S. Bettencourt, M.J. Sanches, L.B. Alves & R. Fábregas Valcarce (eds.) *Conceptualising Space and Place. On the role of agency, memory and identity in the construction of space from the Upper Palaeolithic to the Iron Age in Europe*. Proceedings of the 15th Congress of the International Union for Prehistoric and Protohistoric Sciences. Sessions n.º 41 and 72 (Lisbon, September 2006). BAR International Series. Oxford: Archaeopress.
- CONNERTON, P. 1993. *Como as sociedades recordam*. Oeiras: Celta.
- COSTAS, F.J.; HIDALGO, J.M.; NOVOA, P. & PEÑA, A. de la 1997. Las representaciones de armas en el grupo galaico de arte rupestre. In F.J. Costas & J.M. Hidalgo (eds.) *Los motivos de fauna y armas en los grabados prehistóricos del continente europeo*. Vigo: Asociación Arqueológica Viguesa: 86-112.
- CUEVILLAS, F.L. 1933. *Terra de Melide*. Santiago de Compostela: Seminario de Estudos Galegos.

- ELIADE, M. (1978) 2004. *Herreros y Alquimistas*. Madrid: Alianza.
- GONZÁLEZ RUIBAL, A. 2006-2007. *Galaicos. Poder y comunidad en el Noroeste de la Península Ibérica (1200 a.C. – 50 d.C.)*. Brigantium, 18-19. A Coruña: Museo Arqueológico Castelo de San Antón.
- HUBERT, H. & MAUSS, M. 1964. *Sacrifice: Its nature and functions*. Chicago: University of Chicago Press.
- LARSSON, T. 1986. *The Bronze Age Metalwork in Southern Sweden. Aspects of Social and Spatial organization 1800-500 B.C.* Umeå: University of Umeå.
- MISSLER, P. 2006a. Las hondas raíces del *Ciprianillo*: 1.ª Parte. Tradición y parodia en el *Millonario de San Ciprián*, primer recetario impreso para buscar tesoros en Galicia. *Culturas Populares. Revista Electrónica*, [em linha] 2 (maio-agosto 2006). Disponível em Fev. 2009 em <http://www.culturaspopulares.org/textos2/articulos/missler.htm>.
- MISSLER, P. 2006b. Las hondas raíces del *Ciprianillo*. 2.ª parte: los grimorios. *Culturas Populares. Revista Electrónica*, [em linha] 3 (septiembre-diciembre 2006), 15 pp. Disponível em Fev. 2009 em <http://www.culturaspopulares.org/textos3/articulos/missler.htm>.
- MISSLER, P. 2007. *Las Hondas Raíces del Ciprianillo*. 3.ª parte: Las “*Gacetas*”. *Culturas Populares. Revista Electrónica* [em linha], 4 (enero-junio 2007). Disponível, em Fev. 2009 em <http://www.culturaspopulares.org/textos4/articulos/missler.htm>.
- MONTEAGUDO, L. 1973. Hachas de tope de Mougás. *Cuadernos de Estudos Galegos* XVIII, 84: 128-144.
- MONTEAGUDO, L. 1977. *Die Beile auf der Iberischen Halbinsel*. Munich: C.H. Beck.
- PEREA, A. 2008. Iberian Psycho. Deliberated destruction in Bronze Age Gold Hoards of the Iberian Peninsula. In C. Hammon & B. Quilliec (eds.) *Hoards from the Neolithic to the Metal Ages. Technical and codified practices*. BAR International Series, 1758. Oxford: Archaeopress: 53-58.
- SANCHEZ GÓMEZ, J. 1988. Magia, astrología y ocultismo entre los mineros del siglo XVI. *Studia historica* 6: 339-350.
- SANTOS JÚNIOR, J.R. 1963. As gravuras litotrípticas de Ridevides (Vilariça). *Trabalhos de Antropologia e Etnologia* 19 (2): 111-144.
- SARMENTO, M. 1888. A proposito dos “*Rotheiros dos Tesouros*”. *Revista de Guimarães* [em linha], vol. V. Porto. Disponível. em Fev. 2009 em http://www.csarmiento.uminho.pt/docs/sms/obra/FMSDispersos_027.pdf.
- SEVERO, R. 1905. As braceletes d'ouro de Arnozella. *Portugália* 2 (1): 63-71.
- SIERRA RODRÍGUEZ, J.C. & MARTÍNEZ DO TAMUXE, X. 1975. El depósito de Mougás: nuevos datos sobre la protohistoria del W de Galicia. *El Museo de Pontevedra* 29: 121-161.
- SILVA, C.T. 1980. As gravuras rupestres da Lufinha. Dois motivos labirínticos na região de Viseu. *Actas do Seminário de Arqueologia do Noroeste Peninsular*. Guimarães: 3-17.
- SOBRINO, R. 1935. *Corpus Petrogliforum Gallaecia*. Seminario de Estudos Galegos.
- SOBRINO LORENZO RUZA, R. 1952. Inventario Nacional de Folios Arqueológicos: Hierro céltico. *Noticiario Arqueológico Hispánico I* 162 (1-3): 198-199.
- TAÇON, P. 1991. The power of stone: symbolic aspects of stone use and tool development in western Arnhem Land, Australia. *Antiquity* 65: 192-207.
- TILLEY, C. 2004. *The materiality of stone: Explorations of landscape phenomenology*. Oxford: Berg.

- TILLEY, C. 2007. Materiality in materials. *Archaeological Dialogues* 14 (1): 16-20.
- THOMAS, J. 2006/2007. The trouble with material culture. In J. Thomas & V.O. Jorge (eds.) *Overcoming the modern invention of material culture*. Porto: ADECAP: 11-23.
- VEIGA, E. da 1889. Paleoethnologia. *Antiguidades monumentaes do Algarve: tempos prehistoricos*. Lisboa: Imprensa Nacional.
- VIANA, A. 1958. Notas. III – Capacete céltico, de prata. *Arquivo de Beja* 15: 20-21.
- VILAÇA, R. 2006. Depósitos de Bronze no Território Português – Um Debate em Aberto. *O Arqueólogo Português*. Série IV, 24: 9-150.
- VILHENA, J. & ALVES, L.B. 2008. *Subir à maior altura. Espaços funerários, lugares do quotidiano e “arte rupestre” no contexto da Idade do Bronze do Médio/Baixo Mira*. Vipasca, Série 2. Aljustrel: Câmara Municipal de Aljustrel.

Alguns exemplos de depósitos de objectos metálicos em formações rochosas naturais	
Galiza (Espanha):	Portugal:
<ul style="list-style-type: none"> • Pena Grande de Oleiros (Toques) • Lombo da Costa (Cotobade) • Samarugo (Vilalba) • Liméns (Cangas) • Monte das Penas (Toques) <i>in</i> B. Comendador (1997) • Laxe das Coutadas (Cotobade) <i>in</i> R. Sobrino (1935) 	<ul style="list-style-type: none"> • Bouça da Tomadia da Mata (Barcelos) • Quinta da Fonte Velha, Viatodos (Barcelos) • Cova da Bouça, São Bartolomeu do Mar (Esposende) • Lugar de Passagens/Penouta, Arnozela (Fafe) • Gruta do Agrelo/Castro ou Castelo dos Milagres (Monção) • Castelo de Formariz (Paredes de Coura) • Lugar do Monte/Castro de S. Simão (Felgueiras) <i>in</i> A.M.S. Bettencourt (1999, 2005) • Vilar de Mouros (Caminha) • Viçosa (Melgaço) • Távora (Arcos de Valdevez) • Lama Chã (Montalegre) • Porto do Concelho (Mação) • Penedo de Lexim (Mafra) • Fontes Grandes (Estombar) • Carrasqueiras (Alvaiázere) • Pinhal de Melos (Fornos de Algodres) • Castelo Bom (Almeida) • Areosa (Viana do Castelo) • Monte Sereno (Sintra) • Alqueva (Moura) <p style="text-align: right;"><i>in</i> R. Vilaça (2006: 44-46)</p>

Fig. 1. Sítios onde se verificou a presença de depósitos metálicos associados a penedos, grutas e abrigos rochosos em Portugal e na Galiza (Espanha).



Fig. 2. Gravuras rupestres de Foxa Vella e duas alabardas provenientes do depósito do Monte Lioira, Rianxo (Decalque e fot. de Foxa Vella seg. Costas *et al.* 1997: 91, 108; fot. de duas das peças metálicas do depósito de Monte Lioira da autoria de B. Comendador).



Fig. 3. Pedra do Lombo da Costa (seg. Sobrino 1935: lam. XXIX, Fig. 59) e machado de cobre exumado de uma fissura daquele penedo (fot. do machado de cobre pertencente à colecção do Museu de Pontevedra da autoria de B. Comendador).



Fig. 4. “... entre as follas revésgadas dese libro danse señas de tesouros e riquezas enterradas pé dos ríos e das brañas, polos mouro...” (seg. Álvarez Blázquez [1974] 2008).